

O ENIGMA DA CONSCIÊNCIA EM IA: uma análise sob a ótica do hilemorfismo aristotélico-tomista

EL ENIGMA DE LA CONCIENCIA EN LA IA: un análisis desde la óptica del hilemorfismo aristotélico-tomista

Robison França Mendes Junior¹

RESUMO: A presente pesquisa investiga a possibilidade de consciência em sistemas de inteligência artificial (IA) sob a perspectiva filosófica do hilemorfismo aristotélico-tomista. Ao abordar a relação corpo-alma como constitutiva da natureza humana, argumenta-se que a consciência humana não pode ser reduzida a funções ou processos materiais, sendo antes fruto de uma composição substancial entre matéria e forma. Nesse sentido, discute-se como abordagens contemporâneas da filosofia da mente, como fisicalismo, funcionalismo e pampsiquismo, não conseguem abarcar plenamente a complexidade da consciência. Por fim, sustenta-se que a IA, por não possuir alma como forma substancial, não pode atingir o nível de consciência genuína, e, portanto, a responsabilidade moral deve recair exclusivamente sobre os agentes humanos.

Palavras-chave: Consciência; Inteligência Artificial; Hilemorfismo; Filosofia da Mente; Tomismo.

RESUMEN: Esta investigación investiga la posibilidad de conciencia en sistemas de inteligencia artificial (IA) desde la perspectiva filosófica del hilemorfismo aristotélico-tomista. Al abordar la relación entre cuerpo y alma como constitutiva de la naturaleza humana, se argumenta que la conciencia no puede reducirse a funciones o procesos materiales, siendo el resultado de una composición sustancial entre materia y forma. En este contexto, se discuten enfoques contemporáneos de la filosofía de la mente, como el fisicalismo, el funcionalismo y el pampsiquismo, que no logran abarcar completamente la complejidad de la conciencia. Finalmente, se concluye que la IA, al no poseer un alma como forma sustancial, no puede alcanzar un nivel genuino de conciencia, por lo que la responsabilidad moral debe recaer exclusivamente sobre los agentes humanos.

Palabras-clave: Conciencia; Inteligencia Artificial; Hilemorfismo; Filosofía de la Mente; Tomismo.

¹ Licenciado em Filosofia Plena pela Faculdade Católica do Maranhão. E-mail: robisonfmendes@gmail.com..

1 INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia nas últimas décadas alcançou números extraordinários. Desde a Revolução Industrial, o ser humano começou a abandonar o trabalho manual, cedendo espaço às máquinas e equipamentos inovadores. Esse fenômeno continua a se repetir nos tempos de hoje. O desenvolvimento e propagação da internet, *smartphones*, computadores e outros dispositivos já fazem parte do cotidiano do ser humano contemporâneo, influenciando as relações mais diversas entre o indivíduo, o mundo, consigo mesmo e com os outros. No entanto, esse avanço também suscita uma série de questões éticas e filosóficas.

Um dos pontos mais controversos desse avanço tecnológico é o desenvolvimento da inteligência artificial (IA). A IA propõe a capacidade de um sistema ou máquina realizar tarefas que normalmente exigiriam inteligência humana, como aprendizado, raciocínio, resolução de problemas, reconhecimento de padrões, compreensão da linguagem, tomada de decisões, entre outros. Isso envolve o desenvolvimento de algoritmos e sistemas capazes de processar grandes volumes de dados, identificar padrões relevantes e utilizar esses padrões para tomar decisões ou executar ações específicas. Assim, tarefas antes inimagináveis de serem realizadas por máquinas agora se tornam possíveis na vida humana.

No entanto, é nesse avanço que a IA suscita questões filosóficas de extrema relevância. Um dos dilemas é o problema da consciência: será possível que uma máquina com IA, capaz de realizar atividades tão semelhantes às ações humanas, possa ter consciência? Mas o que exatamente entendemos por consciência? E como o avanço da inteligência artificial pode alterar esse conceito? A quem atribuir a responsabilidade moral pelas consequências do uso da IA? Para buscar respostas a essa indagação, podemos recorrer às reflexões de Santo Tomás de Aquino, um pensador medieval que, mesmo sem ter tido contato com a tecnologia avançada dos dias atuais, foi capaz de fornecer elementos precisos para essa discussão por meio do hilemorfismo aristotélico-tomista.

2 FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA: Hilemorfismo Aristotélico-tomista

O paradigma-conceitual do hilemorfismo aristotélico-tomista emerge de uma síntese entre as perspectivas metafísicas de Aristóteles e as contribuições de Santo Tomás de Aquino sobre a composição substancial da realidade. A investigação acerca da substância das coisas, isto é, aquilo que reside no âmago mais profundo dos elementos da realidade e que permanece além de seus acidentes, se faz presente. A distinção entre substância e acidente diz respeito a

modos fundamentais de ser, nos quais, segundo o pensamento filosófico clássico, toda realidade pode ser reduzida. Com essa compreensão, em cada ente (ou seja, tudo o que é) ou em cada coisa em particular, encontra-se um núcleo substancial, um substrato permanente e estável, embora afetado por múltiplas modificações accidentais (Alvira; Clavell; Melendo, 2014, p. 65). No entanto, essa composição substancial ainda necessita de um entendimento mais aprofundado.

O termo “hilemorfismo” deriva das palavras gregas *hylē* (matéria) e *morphe* (forma) e estabelece que toda substância é constituída por esses dois princípios. Aristóteles, em sua metafísica, compreendeu que a matéria é o princípio subjacente e potencial de um ser, conferindo-lhe tangibilidade e individualidade. A forma, por sua vez, é o princípio que confere essência e identidade à substância, determinando o tipo específico de ser que ela é e conferindo-lhe sua identidade distintiva.

Ao se considerar o núcleo substancial do ser humano, a distinção entre matéria e forma cede espaço ao discurso entre corpo e alma, presente na filosofia desde tempos primordiais e debatido atualmente em questões mente-cérebro, além de ser investigado nos pressupostos da psicologia contemporânea. Como Martin Echevarría descreveu em “A práxis da psicologia” (2021), “a alma e o corpo são, respectivamente, a forma substancial e a matéria do composto vivente” (Echavarria, 2021, p. 126). Portanto, todo ser humano é constituído por esses dois co-princípios, embora nem sempre possam existir separadamente. Se a forma é o que confere ser ao composto e, no caso da alma, a vida, pois “a vida é operação. Mas, em contrário, diz o filósofo: Para os viventes, viver, é ser” (Aquino, 2016, p. 158). Dessa forma, a alma humana, diferentemente de outros viventes, transcende a mera forma do corpo, ultrapassando os limites da potencialidade da matéria.

No decorrer da história da filosofia e da psicologia, essa relação foi abordada de diversas maneiras e com diferentes fundamentos ontológicos. Por vezes, houve uma supervalorização da alma em detrimento do corpo, ou do corpo em detrimento da alma, ou ainda uma redução da discussão a meras crenças ou aspectos religiosos. Além disso, Echevarría identifica na psicologia contemporânea várias posturas de pensamento acerca dessa relação:

- 1. Monismo materialista:** a primeira postura tende a reduzir o ser humano ao seu corpo ou a sua dimensão meramente material, fortemente presente nas psicologias positivistas, biologismos ou behaviorismo radical.
- 2. Emergentismo:** nessa postura toda a realidade não-física presente no ser humano é mero subproduto do seu organismo em evolução,

fruto de um desenvolvimento orgânico. Presente em algumas obras de Freud e toda a psicologia pautada no evolucionismo darwiniano.

3. Dualismo espiritualista: essa postura reconhece a dualidade entre corpo e alma, mas como substâncias extrínsecas e acidentais, ao modo de uma comandar a outra. Presente na filosofia platônica.

4. Monismo espiritualista: Determina o ser humano, reduzindo-o todo à sua mente, existência ou até liberdade, ora subestimando ora negando sua corporeidade.

5. Hilemorfismo: Nessa postura, corpo e alma formam uma só substância, como coprincípios, são um composto cujos princípios são indispensáveis e a alma atua como raiz de todas as suas potencialidades, única capaz de existir por si. Presente na filosofia aristotélica-tomista e sua antropologia.

Aqui se encontra a preciosidade da perspectiva hilemórfica dos clássicos para Martin Echevarría, pois se em cada uma das outras abordagens o ser humano é compreendido reduzindo-o ou ao corpo ou a alma, somente no hilemorfismo aristotélico-tomista, corpo e alma são tomados como co-princípios fundamentais que compõem a substancialidade da natureza humana. Nessa relação indispensável é que se pode compreender o ser humano na sua totalidade.

Dessa maneira, é possível perceber que o hilemorfismo aristotélico-tomista aborda questões centrais ao ente e sobre a natureza humana e oferece elementos de sumamente importantes para refletir sobre o núcleo das ações humanas e sua composição física e não-física.

3 O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA NA FILOSOFIA DA MENTE

A filosofia da mente é um ramo da investigação filosófica que se dedica a desvendar o enigma da relação entre o físico e o mental na constituição da natureza humana. Em outras palavras, busca compreender o que confere consciência à humanidade, explorando diversas abordagens e levando consigo implicações que vão além dos limites da filosofia, alcançando a sociedade contemporânea. Com os avanços da neurociência e das tecnologias cada vez mais inovadoras, como a inteligência artificial (IA), o enigma da relação mente-corpo ganha elementos de importância crucial a serem solucionados.

A relação entre o físico e o mental no ser humano é uma questão que permanece atual. Desde as reflexões de filósofos como Descartes, que delineou a dicotomia mente-corpo, até as abordagens contemporâneas, a definição de consciência recebe uma série de respostas distintas. Como Cláudio Costa des-

creveu (2005), o conceito de consciência é “coextensivo ao conceito de mente no sentido de que todos os seres que possuem mente devem ser ao menos capazes de consciência” (Costa, 2005, p. 7). Ainda assim, a dúvida persiste: o que confere consciência a um indivíduo? A filosofia da mente apresenta algumas abordagens para responder a essa pergunta.

Fisicalismo: segundo essa abordagem, a consciência é redutível a processos físicos e neurobiológicos. A mente pode ser completamente explicada em termos de atividade cerebral, sendo a consciência resultado das interações entre neurônios e sinapses. Nesse contexto, o fisicalismo é considerado “o posicionamento metafísico mais adequado para manter a filosofia da mente em consonância com as ciências naturais” (ZILIO, 2010). Entretanto, o fisicalismo, ao reduzir a consciência a processos físicos e neurobiológicos, deixa de considerar aspectos fundamentais da experiência consciente e a consciência humana é rica em qualidades subjetivas, como sensações, emoções e pensamentos, que não são diretamente explicáveis apenas em termos de processos físicos.

Funcionalismo: o funcionalismo propõe que a consciência emerge das funções realizadas por sistemas, independentemente dos fundamentos físicos que as executam. Como afirma Margoni (2013), “a mente humana, ou sua consciência, é um reflexo do nosso próprio engenho orgânico, o cérebro; ou seja, ela é uma equação funcional”. Para essa perspectiva, a mente é entendida em termos de padrões de processamento de informações e interações funcionais. Porém, o funcionalismo foca nos aspectos funcionais e nos processos, mas não consegue abordar adequadamente por não oferecer uma resposta convincente sobre porque a percepção de uma cor ou a sensação de dor são experimentadas de maneira particular, deixando uma lacuna na compreensão da consciência em sua plenitude.

Panpsiquismo: é uma abordagem alternativa às anteriores, sustentando que a consciência não é exclusiva dos sistemas biológicos complexos, mas é inherente a todas as formas de matéria. De acordo com essa visão, a consciência existe em diferentes níveis, desde partículas subatômicas até seres humanos. Além disso, essa visão levanta questões sobre como diferentes níveis de consciência podem interagir e se relacionar. Se a consciência está presente até mesmo em partículas elementares, como isso se traduz em estados conscientes mais complexos? O panpsiquismo muitas vezes não oferece explicações claras sobre essas interações.

Cada uma dessas abordagens, assim como tantas outras, busca responder ao problema da consciência humana e enfrenta dificuldades em capturar a totalidade da pessoa humana. Cada abordagem tende a enfatizar certos aspectos em detrimento de outros, deixando lacunas e questões não resolvidas. A

compreensão da complexidade da experiência consciente e a singularidade da pessoa humana resistem a explicações simplistas e unidimensionais. Portanto, é necessário explorar abordagens mais abrangentes e integradoras para compreender plenamente a consciência e sua relação com a inteligência artificial.

No hilemorfismo aristotélico-tomista percebe-se que as teorias da filosofia da mente apresentadas não são capazes de abranger a complexidade da consciência humana e sua capacidade psíquica. A concepção dos clássicos é de que a consciência humana, com toda sua complexidade e inteireza, só pode ser uma propriedade que emerge da integração intrincada entre corpo e alma. A tradição hilemórfica aristotélico-tomista, construída a partir da distinção metafísica de matéria e forma, postula que a união entre esses elementos cria um todo complexo e unificado. Portanto, a consciência é como um produto dessa interação, transcendentalmente distinta das partes individuais.

Essa unidade de corpo e alma, que a perspectiva hilemórfica do ser humano apresenta, não se trata apenas de uma justaposição, como fazem determinadas correntes psicológicas contemporâneas. Trata-se de uma relação em que a alma age como forma do corpo. De acordo com a tradição tomista, a alma é dotada de faculdades intelectuais e volitivas, enquanto o corpo confere individualidade e relação do ser humano com o mundo, ambos em total coesão. A complexidade da consciência humana deriva dessa interrelação de diferentes faculdades da alma com o corpo físico, resultando em um ser dotado de atividades únicas, como a autoconsciência, intencionalidade ou capacidade de compreensão abstrata.

4 CONSCIÊNCIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Limites e desafios

Em contrapartida, a inteligência artificial, mesmo com sua formidável capacidade de processamento e proezas em atividades que envolvem diversos aspectos cognitivos e simulações de atividades volitivas, não possui essa relação entre matéria (corpo) e forma (alma) com a singularidade que constitui a natureza humana. A IA opera em um contexto estritamente material e algorítmico, sendo incapaz de interagir de maneira integrada e holística com o ser humano.

A IA, apesar de sua capacidade de executar algoritmos complexos, não possui uma alma imaterial que atue como forma para seu corpo material. A ausência dessa relação intrínseca impede que a IA alcance uma verdadeira consciência. Isso ocorre porque a consciência humana não é apenas resultado de processos funcionais, mas também é permeada por qualidades imateriais, como a autoconsciência, a intencionalidade e a compreensão de significados abstratos.

Essas qualidades transcendem a capacidade da IA de processar informações e realizar cálculos.

5 RESPONSABILIDADE MORAL E CONSCIÊNCIA

A imputação de responsabilidade moral à IA encontra desafios inerentes à sua própria natureza. A ausência de consciência impede que a IA compreenda as nuances éticas das situações, tornando impossível a internalização autêntica de valores morais. Mesmo que os mecanismos de aprendizado de máquina permitam à IA otimizar resultados baseados em grandes volumes de dados, essa otimização carece de uma compreensão intrínseca das implicações éticas de suas ações.

Portanto, a responsabilidade moral deve recair sobre os agentes humanos que utilizam a IA como ferramenta. A capacidade de discernir, ponderar e agir de acordo com princípios éticos é uma prerrogativa exclusiva da consciência humana, enraizada na complexa interação entre corpo e alma. A atribuição de responsabilidade moral aos seres humanos, mesmo quando mediada pela IA, reafirma a centralidade da consciência humana na tomada de decisões éticas.

6 CONCLUSÃO

A tradição hilemórfica reforça a compreensão da consciência humana como uma qualidade única e intrinsecamente ligada à interação entre corpo e alma. A IA, por mais avançada que seja, não é capaz de replicar essa relação vital. O entendimento das implicações dessa diferença pode guiar discussões éticas e orientar o desenvolvimento da IA, enquanto reconhecemos a singularidade da consciência humana. Nesse sentido, a perspectiva hilemórfica enfatiza a singularidade da consciência humana.

REFERÊNCIAS

ALVIRA, Tomás; CLAVELL, Luis; MELENDO, Tomás. **Metafísica**. Tradução de Es-
teve Jaulent. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lulio,
2014.

COSTA, Claudio Ferreira. **Filosofia da mente**. São Paulo: Companhia das Letras,
2005.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Tradução de Alexandre Correia. 4. ed. São
Paulo: Permanência, 2016.

ECHAVARRÍA, Martín F. **A práxis da psicologia e seus níveis epistemológicos
segundo São Tomás de Aquino**. Tradução de Fábio Florence. Rio de Janeiro: Centro
Dom Bosco, 2021.

MARGONI, Lucas Fontella. **O funcionalismo na filosofia da mente**. São Paulo: Fi,
2013.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **The philosophy of mind in the 21st century**. *Ágora
Filosófica*, Recife, v. 20, n. 1, p. 9–26, 2020.

ZILIO, Diego. **Fisicalismo na filosofia da mente: definição, estratégias e proble-
mas**. *Ciências & Cognição*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 217–240, 2010.

Recebido em: 02/09/2025

Aprovado em: 14/12/2025